

**A MEMÓRIA COMO TESTEMUNHO: DIÁLOGOS
ENTRE LITERATURA E SEMIÓTICA NA OBRA
“É ISTO UM HOMEM?”, DE PRIMO LEVI**

Mônica Assunção Mourão (UEMASUL e UFT)
monicamourao_15@hotmail.com

César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFT)
cesarpolitika@uft.edu.br

RESUMO

A relação imbricada entre a literatura do testemunho e a memória se constrói, sobretudo, por meio da palavra oral ou escrita. Destarte, ambas encontram, por vezes, respaldo na Semiótica, haja vista, essa ser considerada um instrumento de análise dos signos como também dos seus respectivos significados. Logo, a proposta apresentada objetiva, especialmente, possibilitar um espaço de constante diálogo entre a Literatura do testemunho e a Semiótica. Para isso, optou-se como *corpus*, a ser analisado, alguns fragmentos da obra “Isto é um homem?”, de Primo Levi. Assim, como base para o referido estudo, o aporte teórico delineado versou sobre referências como Figueiredo (2020), Selligman-Silva (2018), Landowski (2002), dentre outros. Ante isso, para a construção do artigo a abordagem científico-metodológica utilizada foi de cunho bibliográfico, onde se fez um recorte ao se optar pela “Memória” como foco da referida pesquisa a partir da narrativa Leviniana.

Palavras-chave:

Memória. Semiótica. Literatura do testemunho.

ABSTRACT

The interwoven relationship between the literature of testimony and memory is built, above all, through the oral or written word. Thus, both are sometimes supported by Semiotics, given that this is considered an instrument for the analysis of signs as well as their respective meanings. Therefore, the proposal presented aims, in particular, to enable a space of constant dialogue between the Literature of the testimony and the Semiotics. For this, we chose as *corpus*, to be analyzed, some fragments of the work “Is this a man?”, By Primo Levi. Thus, as a basis for the aforementioned study, the theoretical contribution outlined dealt with references such as Figueiredo (2020), Selligman-Silva (2018), Landowski (2002), among others. Therefore, for the construction of the article, the scientific-methodological approach used was of bibliographic nature, where a cut was made when opting for “Memory” as the focus of the referred research from the Levinian narrative.

Keywords:

Memory. Semiotics. Literature of Testimony.

1. Introdução

*Vi ontem um bicho
na imundície do pátio
catando comida entre os detritos.
quando achava alguma coisa,
não examinava nem cheirava:
engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
não era um gato,
não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(O Bicho, de Manuel Bandeira)*

O século XX foi denominado como o Tempo das Catástrofes por Hobsbawn (2008), justamente pelos inúmeros conflitos, guerras e perseguições ocorridas durante este período. Em face de todas essas dobras abruptas da história, logo, se viu germinar um novo tipo de escrita denominada de Literatura do Testemunho, uma vez que essas obras foram cunhadas na dor dos muitos sobreviventes deste cenário.

No rol dessas obras destacamos o livro de Primo Levi, “É isto um homem?”, publicado em 1947 e narrando as agruras de um judeu sobrevivente dos campos de concentração nazista após o fim da II Guerra Mundial. Este livro tornou-se um *best seller* nos anos vindouros, justamente pela escrita rica e cheia de dor. Mediante o exposto, este artigo possui como objetivo principal examinar a referida obra de Primo Levi, buscando o diálogo profícuo com a memória e a semiótica.

A fim de responder ao objetivo, cumpre refinar o artigo nos seguintes percursos, quais sejam: 1) analisar a compreensão sobre memória, mais detidamente com o fito de entendimento das tessituras realizadas por Levi acomodadas em sua escrita; 2) compreender a denominada Literatura do Testemunho; e, por fim 3) analisar Primo Levi e as imbricações com o campo da semiótica. No tocante à metodologia, destacamos que é uma abordagem qualitativa ao utilizarmos, fundamentalmente, do cunho bibliográfico.

2. Os encaixes da memória como fonte de testemunho literário

A fim de discorrermos acerca dos conceitos da memória, torna-se pertinente construirmos o seu enquadramento como objeto teórico e empírico, justamente como intuito de dar densidade e lastro para as análises

realizadas. Um dos autores que melhor inaugurou esse estudo foi o sociólogo francês Maurice Halbwachs através da sua obra, *A Memória Coletiva* (2006). Nas chaves explicativas de Halbwachs, o autor enunciava três eixos onde a memória iria se desenvolver e germinar, como se fosse um gradiente, ora se alimentando ora conflitando, seria definido em: 1) a memória individual, 2) a memória coletiva e 3) memória oficial. Quanto a memória individual, podemos dizer que ela seria a mais fugidia, justamente porque se alicerça apenas no indivíduo para se equilibrar, muitas vezes incorrendo num fio tênue, justamente pela perda dos fatos em virtude da passagem do tempo.

Nesse cenário de reconstrução da memória, o autor enfatizava que a memória sempre seria construída no presente a partir da rememoração do passado, portanto, sempre buscando através do filtro do tempo presente o retrato do passado - muitas vezes incompletos. Logo, com o intuito de dar sustentação e tessitura neste quadro da memória, o indivíduo precisaria, necessariamente, de apoio do grupo que ele fez parte como intuito de endossar ou confrontar as suas memórias, criando e reforçando, por conseguinte, uma memória coletiva.

Assim, podemos inferir que esta memória coletiva se configura a partir de uma primeira memória individual que é acionada, posteriormente, reforçada e endossada por um grupo que o indivíduo fora constituinte, vindo a configurar como memória de um grupo social. Nesse sentido, a chave da memória de um membro desse grupo seria apenas acionada como crível quando, necessariamente, os outros componentes viessem a afiançar a veracidade do seu testemunho, por isso, na acepção de Halbwachs, a memória seria eminentemente um constructo social coletivo. As lembranças, sendo elas boas ou más, tornar-se-iam um passaporte para o acesso a um grupo específico e que vivenciaram determinadas situações, logo, possuindo algo comum para relembrar e testemunhar.

Ainda nesse processo de lembrar o passado, através das chaves da memória, é preciso avaliar os silêncios dos personagens, como bem atesta Michel Pollack no seu texto fundante, *Memória, esquecimento e silêncio* (1989). Tributário do arcabouço teórico de Halbwachs, contudo Pollack amplia conceitualmente e destaca acerca do esquecimento, que pode ser intencional ou não, bem como dos silêncios, algumas vezes forçados por traumas pessoais de quem viveu situações muito adversas, em que o ato de lembrar essas situações no tempo presente, causaria novamente a lembrança de traumas revividos. Pode-se observar esses silêncios quando o personagem narrador, ao lembrar as suas agruras, não

consegue decodificar todas as atrocidades vividas, apresentando, por conseguinte, lapsos de memória.

Ressaltamos, de acordo com o Pollak, que o silêncio também pode ser uma estratégia de sobrevivência de memórias subalternas, uma vez que pode ser o passaporte seguro para diferentes grupos se manterem vivos, principalmente, em momentos de resistência e conflito, sobretudo, quando há a expectativa de uma mudança de cenário adverso num futuro – mesmo distante. De qualquer modo, as lacunas que ficam desses silêncios e esquecimentos, podem ser acionadas e decifradas através de cruzamento de uma leitura atenta, evidenciando, por conseguinte, que essas lacunas são como pontos nevrálgicos, justamente onde a memória não consegue avançar por limitações pessoais impostas, como se fosse marcas do tempo passado.

Partindo do aspecto de memória baseado num constructo coletivo, apontamos a existência nesse cenário de uma memória geracional, visto que esse recorte geracional aciona uma autoidentificação enquanto grupo coletivo. Nesta acepção, a geração não estaria vinculada aos indivíduos que nasceram em um mesmo período demarcado temporalmente, ou seja, mesma idade cronológica, mas exatamente a indivíduos que vivenciaram o mesmo universo de experiências e tornaram-se portadores das mesmas lembranças. Essas experiências acionam e contribuem, portanto, na construção de uma memória coletiva consolidada e de um reconhecimento mútuo, sendo este reforçado fortemente pelo grupo geracional que este sujeito fez parte.

Assim, buscando conceituar o exemplo, podemos lastreá-lo quando Pierre Nora (1997, p. 3003) enfatiza que a “memória geracional advém de um conjunto histórico e coletivo para se interiorizar até as profundezas viscerais e inconscientes que comandam as escolhas vitais e as fidelidades reflexas. O eu é ao mesmo tempo um nós”. Dialogando com Halbwachs e Pierre Nora, ao evidenciar acerca dos vários grupos sociais que possuem o interesse de rememorar coletivamente um ethos geracional no tempo presente, constatamos que, na maioria das vezes, essas memórias geracionais podem conflitar com as histórias oficiais reificadas.

Desta forma, é necessário compreender esse processo da memória como uma luta extremamente dialética, melhor dito, como um pêndulo entre a memória coletiva e a memória oficial, havendo uma disputa entre a memória e a construção dessas histórias edificadas, especialmente,

quando estas foram elaboradas por centros de tradições oficiais, especialmente, em contexto de Estados de Exceção. Nesse quadro, realça-se a dificuldade real existente em revelar as memórias subalternas, principalmente quando estas se reportam e pretendem construir uma disputa entre a memória geracional e a história oficial, esse jogo conflitivo podemos denominar também como disputa de memórias.

Constatamos essas dificuldades, sobretudo, em cenários políticos que ocorreram a necessidade de se institucionalizar um ajuste de contas, como ocorrera após o período do nazifascismo, conforme vivenciado por Primo Levi durante a escrita do seu livro. Nessas conjunturas, a memória assume um papel preponderante, visto que seria através dos depoimentos das vítimas que os diversos agentes iriam buscar a possibilidade de almejar o direito pela justiça, verdade, reparação e memória. Ou seja, a memória, através do instrumento dos testemunhos, seja oral ou seja escrito, portanto, assume um *status* de fundamental importância, com o intuito imperioso de esclarecimento dos fatos (memórias subalternas) e com vistas a uma possível conciliação (que não significa esquecimento).

Em situações como esta, entretanto, realçamos que a memória individual pode ser falha ou mesmo estar bloqueada e silenciada por traumas, conseqüentemente, a fim de escapar dessas armadilhas, o indivíduo tomaria emprestado para as suas lembranças a memória coletiva do grupo que ele fez parte, encaixando-as na sua própria memória, justamente com o intuito de compor cenários e fechar os elos das suas reminiscências pessoais fragilizadas. Assim, ratificamos que a memória não poderia ser fruto unicamente das lembranças individuais, mas produto de um conjunto de indivíduos que formaram coletivamente uma memória social e que se sentiram impelido a recontar a história, como se houvesse a necessidade de recompor um tecido social ferido pelo período de exceção – podemos ver bem afloradas essas memórias coletivas nas diversas obras escritas pós-II Guerra Mundial²⁶.

A partir dessas situações reais, podemos discorrer teoricamente com Paul Ricoeur através da sua obra, *A Memória, a história, o esquecimento* (2007), principalmente quando o autor salienta que o dever de lembrar pode implicar, também, numa memória obrigada dentro de um viés imperativo, como se fosse um dever de fazer justiça à vítima com a

²⁶ A literatura do testemunho cunhada pelos judeus vítimas do nazismo recebeu o nome de *Shoah*. O termo se configurou a partir do documentário de Claude Lanzmann, “Shoah” (1985), que em hebraico significa catástrofe (FERNANDES, 2008).

qual o grupo social contraiu uma dívida e tem obrigação de saldar (RICOEUR, p. 101). Esse encaixe da memória obrigada deve ser estendida para as vítimas do nazismo, especialmente nas situações em que os sobreviventes se sentiram na obrigação de rememorar as vítimas a partir das suas lembranças – não seria uma concórdia com o passado, mas um modo de homenagear quem não sobreviveu; justamente por isso, via de regra, estabelece-se uma sentença imperativa proferida pelos sobreviventes: para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.

Nesta acepção, utilizando o conceito de Paul Ricoeur, podemos vincular o uso dessa memória com mais ênfase aos personagens da primeira geração, o caso do Primo Levi, ou seja, aqueles que foram vítimas de situações adversas e se sentiram obrigados em utilizar o enquadramento da sua memória com o intuito de render homenagens e impelir que não haja o seu esvanecimento.

3. *Diálogos entre a Literatura e a Semiótica*

Literatura seja enquanto área do conhecimento, seja enquanto disciplina curricular pode ser atrelada à simbologia de um “espelho mágico” da sociedade ao tornar ficção o real de épocas, registrado, vivenciado, vislumbrado ou idealizado por povos de todo o mundo bem como construindo, ligada à história que se atualiza entre leituras e leitores. Como afirma Lajolo (2008) ao referir-se ao trabalho com a literatura:

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se um usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106)

Já para Paz (*Apud* FURTADO, 2006) “a literatura é uma resposta às perguntas que sobre si mesma faz a sociedade. Ao expressá-la, muda-a, a contradiz, a nega. Ao retratá-la, a inventa, a revela”.

Percebemos, destarte, que Literatura e História têm um compromisso com a (s) verdade (s) nem tanto absolutas e mutáveis, embora de formas distintas. Esta tem compromisso com a veracidade dos fatos como também da documentação deles, já aquela se preocupa com o univer-

so ficcional, com uma lógica interna, ou seja, quase como algo que se encerra em si mesma.

Logo, os laços entre as diversas ciências humanas, entre elas a Literatura e a Semiótica nasceram das necessidades expressadas pela raça humana, ao longo do seu desenvolvimento e desde então transformam em temáticas, sentimentos que oscilam entre frustrações e conquistas, aceitações e revoltas. As mesmas servem como marco inicial para os estudos relacionados ao comportamento, seja do(s) sujeito(s) para com outro sujeito(s) seja do sujeito para com o mundo. Contudo, na atualidade questiona-se sobre uma grande problemática: como contribuir com o leitor para uma recepção crítica do texto literário?

No ato de (re)significação da obra literária, o leitor-aluno assume função essencial, pois este é o principal sujeito atuante na construção de sentido do texto, inserindo-se também nesse processo comunicativo. O leitor deve comportar-se como um “interlocutor ativo”, aquele que interage juntamente com a obra lida. Nesse sentido, Lajolo enfatiza que “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (2008).

Por conseguinte, a leitura da obra literária é um exercício indispensável para a constituição de leitores, necessariamente, por conceder a possibilidade de esse leitor atingir um nível de conhecimento crítico do mundo, além de torná-lo leitor intelectualmente autônomo e humanizado. Alimento da alma, a literatura pode e deve ser apresentada aos alunos, principalmente da educação básica, como um modo sedutor e condicionado à descoberta.

Observamos que tanto a literatura quanto o texto literário são, constantemente, caracterizados como subjetivos, artísticos e voltados mais ao entretenimento do que ao saber científico, e, para diminuir esse caráter de mero “entretenimento”, essa disciplina curricular e esse gênero textual precisam encontrar na escola e na mediação entre professores e alunos sentidos e interpretações direcionadas para a objetividade de fatos cotidianos, ou seja, o lado real da vida e dos seus acontecimentos.

Dubrvsky (*Apud* ROGER, 2002), em uma obra *Pouquoi la nouvelle critique?*, baseia-se no diagnóstico de Roland Barthes, que tenta reinscrever as obras literárias no campo do inconsciente social, partindo do embasamento de Max, bem como de Freud com o estudo dos sonhos. De acordo com Freud (*Apud* EAGLETON, 1994) em “Gradiva” de Jesen, comenta o texto literário como se ele revelasse, por alusão, seu próprio

funcionamento à maneira do inconsciente na elaboração do sonho. Freud (*Apud* ROGER, 2002) lê:

Poetas e romancistas são nossos preciosos aliados, e seu testemunho deve ser posto bem alto, pois conhecem mais coisas entre o céu e a terra do que a nossa sabedoria escolar não pode sequer sonhar. Dominam o conhecimento das almas, são nossos mestres, pois bebem em fontes que ainda não tornamos disponíveis à ciência. (ROGER, 2002, p. 97)

Vemos, portanto, que a literatura provoca uma sedução, que se não explica o fenômeno da criação propriamente dita, faz da convivência única que se estabelece entre um leitor e um texto a dimensão irreduzível deste fenômeno. Ler a obra é, por conseguinte, reconhecer nela um alcance crítico, insuspeito, já que vai além do contexto que a viu nascer e a determina conforme sua visão de leitor.

Ante as considerações a respeito da Literatura como área do conhecimento e como disciplina curricular qual seria então uma possível zona de convergência com a Semiótica compreendida como uma ciência da linguagem? Sabe-se que etimologicamente a palavra Semiótica significa “signo”, do grego *semeion*. Desse modo, o estudo do signo- uma moeda de duas faces: significante e significado, em consonância com Saussure, se assemelha, em parte, ao principal meio de existência e propagação da Literatura, ou seja, a palavra escrita.

De acordo com Landowski (2002) “só estaríamos diante de um número finito de signos destinados a mudar de valor toda vez que mudam as posições relativas daqueles que, de um lado os exibem, ou que, do outro o decifram?” Tal palavra, pois, carece fazer sentido para quem a pronuncia e para quem a ouve ou a lê. Ressaltamos que o “ter sentido” não tem a ver com as regras regidas pela gramática normativa. Na concepção mencionada o entendimento entre (emissor-mensagem e receptor) é recorte que interessa.

Notamos ainda que a Semiótica vai além da Literatura à medida que se debruça sobre a análise do termo linguagem, dos signos e dos sinais como um todo. Logo, textos verbais e não verbais são seu objeto de estudo. Tudo produzido pelo homem e consumido por ele está passível a ser interpretado pelo viés semiótico, porquanto a relação imbricada entre homem/linguagem é considerado um fenômeno que já não se questiona mais. O significar, portanto, passa a ser plurissignificativo, dando margem as mais variadas investigações, haja vista ser levado em conta a cultura, a identidade e o contexto histórico de uma determinada sociedade. Advém daí a construção de um diálogo constante e profícuo entre a Lite-

ratura e a Semiótica enquanto ciências humanas e, consequentemente, investigadoras de como se comunicam o Eu, o Outro e o Mundo.

4. Nas entrelinhas de “É isto um homem?”, de Primo Levi

Até onde um homem é capaz de suportar em termos de dor, humilhação e sofrimento? De onde vem a força que o anestesia ao ponto de sobreviver aos mais atrozes modos de ser tratado ao ponto de lhe gerar desespero? Há esperança ou resistência na luta pela conservação da vida seja como for? E, como lidar com o pós-grotesco, permanecendo são? Esses e outros tantos questionamentos surgiram no percurso da leitura da obra “É isto um homem?”, de Primo Levi. Segundo o autor Seligman-Silva ter sobrevivido tornar-se-ia um peso coletivo para todos que não morreram pelos horrores da guerra (SELIGMAN-SILVA, 2018). Já Figueiredo (2020), elenca que:

O livro, originalmente lançado em 1947, começou a fazer sucesso, de fato, somente nos anos 50, tornando-se a partir desse momento um dos mais paradigmáticos do período. Juntamente com Primo Levi houve uma leva de produção bibliográfica sobre o período, com inúmeros autores que se debruçaram com grande desvelo sobre os dramas vividos pelos horrores do nazifascismo. (FIGUEIREDO, p. 15, 2020)

O protagonista em sua função de narrador autodiegético, ou seja, àquele sabedor de todos os acontecimentos, da obra de Primo Levi analisada nesse artigo, no capítulo intitulado “A viagem” descreve um momento ulterior ao da sua prisão, onde há cerca de 04 anos sua vida enquanto judeu já havia sido invadida, encurralada e arredada das relações sociais alemãs como um todo pelo simples fato de sua nacionalidade e, ao mesmo tempo, pelos devaneios de uma parcela “ariana” da população:

Fui detido pela Milícia fascista no dia 13 de dezembro de 1943. Eu tinha vinte e quatro anos, pouco juízo, nenhuma experiência e uma forte propensão, favoreci da pelo regime de segregação ao qual as leis contra os judeus haviam me obrigado durante os últimos quatro anos, a viver num mundo só meu, um tanto apartado da realidade, povoado de racionais fantasmas cartesianos, de sinceras amizades masculinas e minguidas amizades femininas. Cultivava um moderado e abstrato espírito de rebelião. (LEVI, 1988, p. 6)

Nesse excerto, podemos ver as proximidades analíticas entre a Literatura e a Semiótica, sobretudo, pelo sentimento expressado sobre uma situação extrema e percebendo o quanto a guerra causou um aconteci-

mento inesperado na sua vida, modificando totalmente a sua experiência e suspendendo o próprio curso do tempo, de acordo com Zilberberg:

[...] figura do inesperado, o acontecimento não poderia seriamente ser *visado*, ou seja, antecipado. Dito de modo familiar: *quando a coisa acontece já é tarde demais!* O Acontecimento não pode ser *apreendido* senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo. Mas nada nem ninguém conseguiria impedir que o tempo logo retome seu curso e que o acontecimento entre pouco a pouco nas vias da potencialização, isto é, primeiramente, na memória, depois, com o tempo, na história, de maneira que, *grosso modo*, tal acontecimento ganhe em legibilidade, em inteligibilidade, o que perde paulatinamente em agudeza²⁷. (ZILBERBERG, 2011, p. 169)

Assim, o ato de se ensimesmar pode ser compreendido como uma maneira ou uma tentativa de resistir. Recriar a realidade como também dela fugir é uma estratégia inerente à natureza do homem ao se perceber em perigo, por exemplo. O escapismo e o individualismo tão presentes no processo de criação literária são transpostos para a crueza da vida como uma vertente de uma possível re(criação). O mundo, o contexto, o macro têm a necessidade de se voltar para o Eu, para o Outro e para o micro como uma autodefesa.

Notamos ainda que essa narrativa ficcional construída por Levi é repleta de elementos literários e semióticos como a literariedade, a subjetividade e a plurissignificação, mesmo em seus trechos mais trágicos e que beiram a referida realidade histórica relatada: “o acontecimento, quando digno desse nome, absorve todo o *agir* e de momento deixa ao sujeito estupefato apenas o *sofrer*”²⁸ (ZILBERBERG, 2011, p. 171). Isso faz com que “É isto um homem?” possa ser caracterizada como uma prosa poética em se tratando de seu conteúdo. Tal apontamento pode ser corroborado quando se presentifica uma antítese, a saber:

A noite chegou, e todos compreenderam que olhos humanos não deveriam assistir, nem sobreviver a uma noite dessas. O alvorecer surpreendeu-nos como uma traição; como se o novo dia se aliasse aos homens na determinação de nos destruir. (LEVI, 1988, p. 13-14)

Em “a **noite** chegou” e “o **alvorecer** surpreendeu-nos” verifica-se a relação antitética das frases. Para Chevalier (2003), em sua obra “O dicionário de símbolos” noite é um vocábulo que “para os gregos, era a filha do Caos e mãe do Céu (Urano) e da Terra (Gaia). Ela engendrou

²⁷ Grifos do autor.

²⁸ Grifos do autor

também o sono e a morte, os sonhos e as angústias, a ternura e o engano”. Por sua vez o “alvorecer” ou a “aurora”, com todas as suas riquezas simbólicas na tradição judaico-cristã, é sinal do poder de Deus celeste e o anúncio de sua vitória sobre o mundo das trevas. Diante disso, compreende-se que “noite e alvorecer” são mencionados em toda a extensão do romance e nos remetem à sensações similares, embora representem, em outros contextos, ideias opostas como a de escuridão x claridade. Na diegese Leviniana ambas são signos a simbolizar o Caos, o Medo, a Dor e a Insegurança de homens, mulheres, crianças. Apenas homens de diferentes cidadanias, faixas etárias e portes físicos. De crenças e de culturas também diversas. De sonhos interrompidos diante de um cenário forjado sobre verdadeiras atrocidades até então inimagináveis.

5. *Considerações finais*

No calor do acontecimento, o sujeito se vê em conjunção com um sobrevir que transtorna e por vezes suprime a duração e a espacialidade. O acontecimento significa literalmente a negação do dizer, a negação do discurso. De acordo com um irrecusável lugar-comum, o acontecimento é antes de tudo um não-sei-quê que deixa o sujeito “sem-voz”, sem a sua voz. O sobrevir do acontecimento vem anular a própria textura do tempo, isto é, a “virtude” potencializante da temporalidade. A questão pode ser assim resumida como devolver à temporalidade a memória que o acontecimento acaba de suspender? (ZILBERBERG, 2011, p. 189)

Retomando ao livro e dialogando com Zilberberg, podemos ainda questionar como o autor pôde voltar a vida depois de tudo o que passou e como conseguiu equilibrar a sua memória com tanta dor? Igualmente, podemos dialogar com o poema “*O bicho*” de Manuel Bandeira, escolhido como a epígrafe deste artigo, vinculando os fragmentos do romance analisado no artigo. Nem todo homem é humano. Nem todo humano possui humanidade, mas há algo pelo qual todos são capazes de matar ou morrer: a liberdade, sobretudo, a liberdade de ser, de existir, de resistir. Assim como toda e qualquer pessoa nasceu para ser livre a capacidade de se comunicar por meio das linguagens verbal e escrita é algo inerente à condição humana. Ante tais elucubrações a tríade representada pela Memória, Literatura e Semiótica buscam a permanência de um diálogo a fim de não cessarem as suas análises bem como suas contribuições para com as demais áreas do conhecimento e/ou manifestações artísticas.

Portanto, a relevância deste estudo se dá à medida que se tem a clareza de como é precisa a preservação da Memória e do Testemunho de um povo, sua perpetuação e do papel desempenhado pela Literatura en-

quanto instrumento capaz de documentar, de validar à escrita, mesmo que, por vezes, ficcional e da Semiótica no viés da investigação de um fenômeno em constante mudança como é a linguagem a partir de um acontecimento que irrompeu e modificou toda a vida do personagem.

O romance “É isto um homem?”, de Primo Levi, nos deixa uma indagação atemporal, haja vista, nunca deixarmos de nos deparar com cenas capazes de nos causar as mais variadas sensações, substantivos abstratos a carecer de um meio para se concretizarem, ou seja, a fome só existe porque se vê pessoas famintas por aí, aqui, acolá. Todas elas, demasiadamente humanas! Em uma hora somos as vítimas, os oprimidos e em outras vilões e opressores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean. Dicionários de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

EAGLETON, Terry. *Teoria Literária: uma introdução*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FURTADO, Sílvia. *Leitura e Psicanálise*. (Curso de especialização em Teoria da Literatura). Imperatriz, UEMA-CESI, 2006.

FERNANDES, Fabricio Flores. *A escrita da dor: testemunhos da ditadura militar*. Tese de doutorado em Teoria e História Literária. UNICAM. 2008.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes. *Revista EntreLetras (On-line)*, v. 11, p. 7-27, 2020.

_____. A memória do testemunho e o cinema: representações cinematográficas da ditadura militar. *Revista Porto das Letras*, v. 4, n. 3, Edição Especial, p. 9-33, 2018.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HIRSCH, Marianne. A geração da pós-memória. In: ALVES, Fernanda Mota Alves; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos. *Estudos da memória: teoria e análise cultural*. Famaicão: Húmus, 2016. p. 299-325

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: O Breve século XX*. São Paulo: Cia da Letras, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. 13. impr. São Paulo: Ática, 2008.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2018.

NORA, Pierre. La Génération. In.: NORA, Pierre (Org.). *Les Lieux de Mémoire*. V. 2. Paris: GALLIMARD, 1997.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: _____. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas, UNICAMP, 2007.

ROGER, Jérôme. *A crítica literária*. Trad. de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.